

A Fábula Mística de Michel de Certeau e a Teologia Simbólica de Charles André Bernard: uma interseção no estudo da teologia mística

Cleudir José dos Santos *

Resumo

A obra de Michel Certeau, intitulada *A Fábula Mística*, trata apenas de um momento histórico da mística cristã, entre os séculos XVI e XVII, quando ocorre a transição da Idade Média para a modernidade. Para tanto, Certeau propõe uma quadratura mística que envolve as relações da mística moderna com a erótica, a psicanálise, a historiografia e a fábula. Charles André Bernard, por outro lado, elabora uma teologia simbólica que apropria a linguagem simbólica à mística. Este estudo vai ao encontro da interseção entre as duas produções, demonstrando que o encontro das duas visões distintas engrandece a mística no seu trabalho de sempre perscrutar o dom de Deus.

Palavras-chave: Fábula Mística. Teologia Simbólica. Símbolo. Espírito. Mística.

Abstract

Michel Certeau's work entitled *The Fable of Mysticism* deals only with a historical moment of Christian mysticism, between the 16th and 17th

* Mestre em teologia pela Faculdade EST de São Leopoldo/RS e aluno da Pós-graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em Belo Horizonte.

centuries, when the transition from the Middle Ages to modernity occurs. Certeau proposes a mystical quadrature that involves the relations of modern mysticism with erotica, psychoanalysis, historiography and the fable. Charles André Bernard, on the other hand, elaborates a symbolic theology that appropriates symbolic language to mystique. This study meets the intersection between the two productions, demonstrating that the meeting of the two distinct visions enhances the mystique in its work of always searching for the gift of God.

Keywords: Mystic Fable, Symbolic Theology, Symbol, Spirit, Mysticism.

Introdução

Este estudo tem por objetivo mostrar a interseção, na forma de uma teologia mística, nos estudos de Michel de Certeau e Charles André Bernard, dois autores jesuítas que, partindo de visões e abordagens diferentes, exploram o simbolismo a caminho do entendimento de uma mística sempre presente na história do cristianismo, desde seus fundamentos e origens até nossos dias. Dessa forma, este estudo colocará em relevo as leituras de ambos os autores acerca do fenômeno da linguagem simbólica na vida cristã, principalmente em seus aspectos pessoais, quando o Espírito, atuando individualmente, determina trajetórias e ressignifica vidas. Tal empreendimento se torna possível pelos aspectos principais das obras de cada autor: o primeiro é um padre instruído na filosofia tomista e cujo projeto espiritual e intelectual, seu único interesse na vida, é a vida no espírito¹, e assim constrói seu caminho teológico; o segundo, outro padre, tem perfil diverso, o de um historiador cuja erudição passa por diversas disciplinas do conhecimento científico, as quais são refletidas na construção de sua fábula mística. Vejamos a seguir um breve resumo de seus respectivos perfis.

1. Michel de Certeau e Charles André Bernard: vida e obra

Michel de Certeau nasceu em 17 de maio de 1925, em Chambéry, França. Entrou para a Companhia de Jesus em 1950, sendo ordenado em 1956. Iniciou os estudos de graduação em estudos clássicos e filosofia na

¹ “Ho avuto un unico interesse: la vita spirituale. Ringrazio la Compagnia di avermi dato la possibilità di dedicarmi completamente ad esso” (MUZJ, 2013, p. 02). Estas palavras de Charles André Bernard, ditas pela ocasião de uma missa comemorativa do seu cinquentenário de entrada na Companhia de Jesus, foram anotadas pela então Professora da Universidade Gregoriana, Maria Giovanna Muzj.

universidade de Grenoble (1943) e foi licenciado em teologia em Lyon (1950). Sua tese de doutoramento (1960) foi sobre o *Diário espiritual* de Pedro Fabro, companheiro de Inácio de Loyola. Logo após, ele se dedicou ao estudo de Jean-Joseph Surin, conhecido pelo caso do exorcismo junto às freiras de Loudum. Participou, com Lacan, da Escola Freudiana de Paris. Certeau tornou-se conhecido ao publicar artigos sobre a revolta estudantil de maio de 1968, na França. Foi principalmente historiador e erudito, dedicando-se ao estudo de áreas como psicanálise, linguística, filosofia, ciências sociais, teologia, etc. Foi professor em muitas universidades em diversos países, por exemplo, em cidades como Paris, Cidade do México e San Diego. Destacam-se entre suas publicações algumas obras como *A Escrita da História* (1975) e *A Invenção do Cotidiano* (1980). Certeau morreu precocemente, em decorrência de um câncer, aos 60 anos, em 09 de janeiro de 1986, em Paris. Não obstante, nas suas duas últimas décadas de vida, publicou trabalhos relativos à religião, à psicanálise, à fenomenologia e ao misticismo, dentre os quais destacamos *A Fábula Mística* (1982), objeto do presente estudo, que ora propõe seu cotejamento com a *Teologia Simbólica*, de Charles André Bernard.

Charles André Bernard nasceu em Berck, Pas-de-Calais, França, em 18 de março de 1923. Entrou para a Companhia de Jesus em 28 de setembro de 1943. Preparou sua tese de doutorado em filosofia na cidade de Chantilly (1951), com o título de *Natureza e vontade segundo Santo Tomás de Aquino*. Foi ordenado padre em 25 de julho de 1954, em Enghien, Bélgica. Em seu doutorado em teologia, defendeu uma tese sobre a *Teologia da esperança segundo Santo Tomás de Aquino*, em Roma (1958), com publicação em 1961, ano a partir do qual se tornou professor do Instituto de Espiritualidade da Universidade Gregoriana, onde também foi diretor, trabalhando até o ano de 1998. Sua produção teológica é extensa e o núcleo de sua obra começa pela publicação da *Teologia espiritual* (1982), revista e ampliada em 2002, seguida pelas obras de *Teologia simbólica* (1984), *Teologia afetiva* (1985) e *Teologia mística*, uma publicação póstuma, de 2005. Também compõe esse núcleo a tríade intitulada *O Deus dos místicos*, com os seguintes volumes: I. *A vida da interioridade*, II. *A conformação a Cristo* e, III. *Mística e ação*. Sua morte aconteceu em Roma, no dia 01 de fevereiro de 2001.

2. A Fábula mística, de Michel de Certeau, a história de uma quadratura

A obra de Michel Certeau intitulada *A Fábula Mística*, que tomamos para comparação com a *Teologia Simbólica*, de Charles André Bernard, trata apenas de um momento histórico da mística cristã, o movimento interior

dos séculos XVI e XVII², quando ocorre a transição da Idade Média para a modernidade.

A erudição de Certeau naturalmente envolve o texto e é assim que percebemos imediatamente as contextualizações histórica, psicanalítica, linguística e filosófica, mas não apenas, porque a obra também contempla criteriosamente a teologia e termina por apresentar o conhecimento místico como uma ciência que desponta a partir daqueles séculos, naquele ponto da transição histórica para a modernidade onde os míticos vão trazendo Deus para a sua interioridade, para dentro do coração, ao mesmo tempo em que a mística vai deixando de ser adjetiva para ser substantiva, assumindo agora a necessidade de apresentar definições e dizer o indizível dos míticos, uma impossibilidade sempre posta à frente da linguagem.

Para dar conta de sua narrativa multidisciplinar, Certeau propõe um enquadramento, uma abordagem na forma de uma quadratura mística, tarefa que envolve as relações da mística moderna com a erótica, a psicanálise, a historiografia e a fábula.

Uma erótica do corpo de Deus, aparece em decorrência do apagamento de Deus como objeto Único de amor. Mesmo com toda a produtividade técnica, cultural e artística da modernidade, Deus agora está em falta e essa perda gera necessidade de compensação. Assim, surge, a partir do século XIII, o amor cortês e a mitificação amorosa. A palavra divina é substituída pelo corpo amado. A cena religiosa se transforma em amorosa e a fé em erótica. Agora há um corpo atingido pelo desejo e isso provoca os místicos. “Assim, os ‘verdadeiros’ místicos suspeitam particularmente e são críticos a respeito do que acontece com a ‘presença’. Eles defendem a inacessibilidade com a qual se confrontam” (CERTEAU, 2015, p. 7).

Quanto à mística em relação com a psicanálise, Certeau fala de figuras de passagem. Antes o Livro e a palavra tinham supremacia sobre o corpo e o desejo, que agora são questionados pelos místicos. São problemas novos e epistemologicamente estranhos, uma vez que continuam sendo temas místicos, mas agora investigados por disciplinas como a psicologia, a filosofia e psiquiatria, entre outras. A economia, a consciência, os mitos do progresso e da educação estão no campo de uma ideologia de cultura onde se exercita a psicanálise. Mas ainda assim a atualidade dos estudos freudianos e lacanianos não abarcam uma competência capaz de elucidar completamente aquilo que já havia sido dito pelos místicos. Na fronteira dos dois campos estão as possibilidades de leituras, que são inúmeras ou inumeráveis.

No campo da historiografia, Certeau contextualiza uma formação histórica da mística nos séculos XVI e XVII, que marca um novo ponto de

² O que quer que se pense sobre a mística, e mesmo que se reconheça nela o surgimento de uma realidade universal ou absoluta, só se pode lidar com ela em função de uma situação cultural e histórica particular (CERTEAU, 2005, p. 324, tradução nossa). “Quoi qu'on pense de la mystique, et même si l'on y reconnaît l'émergence d'une réalité universelle ou absolue, on ne peut en traiter qu'en fonction d'une situation culturelle et historique particulière”.

partida no limiar da modernidade. Termina o mundo religioso unificado medieval e os místicos passam a elaborar o relato de suas "paixões" mais presentes na história, no sentido de que agora começa-se a organizar um corpo místico e uma forma escriturária. Conforme Certeau, "Uma nova 'forma' epistemológica aparece com efeito, no limiar da modernidade, com textos que se dão o título de 'místicos' e se contradistinguem por isso de outros textos, contemporâneos ou passados (tratados teológicos, comentários da Escritura, etc.) (CERTEAU, 2015, p. 23). Organiza-se nessa época uma tradição mística cujo ápice vai de Teresa de Ávila até Angelus Silesius.

De resto, nesse período histórico de dois séculos prolifera a divisão religiosa e as heresias aumentam. Com a separação entre os clérigos urbanos e a população rural, a teologia e as práticas populares se distanciam. As reformas protestante e tridentina marcam a divisão do cristianismo e surge o "selvagem" americano. Tudo isso como que acelera o processo histórico ao mesmo tempo em que desafia as tradições da igreja e da sociedade.

Segundo Certeau, a palavra fábula remete simultaneamente à oralidade e à ficção (CERTEAU, 2015, p. 4). Entretanto, seu trabalho resulta, como ele esclarece, do cruzamento entre a historiografia e a mística, sob tensões e interrogações permanentes, uma vez que a historiografia começa onde cessa a voz e se produzem documentos, numa nova forma de cultura agora assentada principalmente nas narrativas escritas.

Ocorre que a partir do século XVI, a "fábula", que através da palavra servia para transmitir as narrativas que simbolizavam a sociedade, perde espaço para a forma escrita e para uma crescente tecnificação do mundo. Desde que a escrita assumiu o poder de refazer a história, a cultura oral foi sendo abandonada e Certeau chega a perguntar sobre "o que sobra da palavra sem a qual não há fé? Onde ainda existe palavra?" (CERTEAU, 2015, p. 18). Porém, os espirituais acreditam, segundo a promessa, que o Espírito falará e se juntam aos místicos.

Já a partir do século XIII, isto é, desde que a teologia se profissionalizou, os espirituais e os místicos levantam o desafio da palavra. Eles são por isso deportados para o lado da "fábula". Eles se solidarizam com todas as línguas que falam ainda, marcadas em seus discursos pela assimilação à criança, à mulher, aos iletrados, à loucura, aos anjos ou ao corpo (CERTEAU, 2015, p. 19).

A análise de Certeau acerca da mística gira precisamente em torno dessa fábula mística, daí o título de sua obra.

Assim, a partir dessa quadratura mística o relato do livro de Certeau nos mostrará uma mística que se faz presente em lugares inusitados e personagens inesperados. É assim com a idiota do mosteiro, que simulava

a loucura e o demônio, e dessa forma cumpria a função de assimilar a maldade das demais irmãs. Depois aparecem os loucos da cidade, cuja loucura não era senão um modo de isolamento da multidão.

São lembrados os “pequenos santos” da Aquitânia, jovens jesuítas em busca de uma reforma interior e de maior “pureza” espiritual, provocando reação e reflexão na Companhia de Jesus. Dentre estes e por último aparece Labadie, o nômade, uma figura irrequieta que experimenta as “religiões” “jesuíta, jansenista, calvinista, pietista, quiliasta ou milenarista, enfim ‘labadista’ – etapa mortal” (CERTEAU, 2015, p. 437 e 438).

Não escaparão à análise de Certeau o iletrado esclarecido e o anjo do deserto, figuras tratadas no âmbito de seu estudo sobre o Padre Jean-Joseph Surin, notável por sua loucura, decorrente do seu exorcismo no caso das possessões das freiras de Loudun.

Também não escapa à análise Santa Teresa de Ávila com sua ficção da alma, elaborada através das *Moradas* do castelo interior, texto que se torna uma referência fundamental para a mística.

Um capítulo especial no livro de Certeau é o Jardim das Delícias, de Jérôme Bosch. O quadro é simbólico e onírico e sua leitura é inesgotável. Em sua riqueza de imagens e representações fantásticas, nos olha e ao mesmo tempo capta e denuncia tudo aquilo que vai em nosso psiquismo, fazendo-nos resistir ao desnudamento que nos ocasiona. De algum modo a obra nos olha e sabe muito mais sobre nós mesmos do que poderíamos supor. O quadro é indefectivelmente simbólico e assim abundante em figuras, corpos, enigmas e metáforas, certamente uma fabulação do universo místico.

3. Vias da vida no espírito em Charles André Bernard

Podemos chamar de simbólica aquela atividade do espírito que, por exprimir a vida religiosa e espiritual, se apoia continuamente em uma experiência da qual é extensão natural. A palavra símbolo foi e continua a ser plurivalente. Hoje se fala de símbolos químicos e matemáticos, dos símbolos dos apóstolos, dos símbolos religiosos e poéticos. Certamente se pode descobrir, sob esta diversidade, um esquema original. Segundo o *Thesaurus Graecae Linguae*, o símbolo primitivo era, no concreto, um sinal de reconhecimento que exigia um complemento: uma peça de barro que queria seu gêmeo. O importante era saber reconhecer quem carregava o complemento (BERNARD, 1984, p. 18).

A definição de símbolo, conforme descrita acima por Charles André Bernard, passa por múltiplas significações, abrangendo os campos da teologia, antropologia, literatura e das ciências em geral. Para fins deste estudo, nos concentraremos nos aspectos teológicos do símbolo, mais especificamente quanto à linguagem simbólica.

Para entendermos a questão teológica, torna-se necessário atentarmos para a função básica do símbolo que é a de indicar para um significado fora de si mesmo. É nesse sentido que a consciência humana desde os primórdios utiliza os símbolos, porque em sua natureza voltada para a espiritualidade, marcada pela presença criadora de Deus, o absolutamente outro, era necessária uma função própria, uma capacidade no âmbito da sabedoria humana que lhe desse conta da amplitude de sua vocação espiritual.

Assim, a atividade simbolizante tem início com o mito. Primeiramente foram os filósofos gregos da antiguidade clássica que pensaram sobre a questão metafísica na qual o ser humano está imerso. É com Platão que temos a importância dos mitos na existência do homem. A consciência mítica em Platão, entretanto, não se limita às origens, mas projeta-se sobre um futuro, não por acaso os maiores mitos são escatológicos (BERNARD, 1984, p. 25).³ Esse sentido mítico originário, entretanto, não separava a realidade fenomênica da sobrenatural e era dessa forma que traduzia a experiência do homem. O nascimento da humanidade, no momento de ruptura com o primitivo, ocasiona a divisão da consciência do homem. A partir daí teremos uma reflexão objetiva e técnica contrapondo-se uma realidade espiritual antes integrada. Surge então a atividade simbólica fazendo com que o mito se converta no símbolo cuja consciência então se localiza entre as dimensões fenomênica e a sobrenatural.

3.1 Linguagem e teologia simbólicas

Tendo em vista que a consciência simbólica está aberta ao transcendente, porém estando entre aqueles dois aspectos originariamente integrados, da objetividade e da espiritualidade, a linguagem mística está naturalmente sujeita a ambiguidades, embora pudesse ambicionar confundir-se com uma linguagem absoluta. “Mas essa pretensão pressuporia resolvido o problema da expressão de Deus, cuja transcendência não pode ser encerrada em uma linguagem” (BERNARD, 1984, p. 29, tradução nossa).⁴ Todavia, como o símbolo também se conecta com o lado reflexivo, temos a possibilidade da alegoria, a qual nasce precisamente dessa capacidade do símbolo se prestar à reflexão racional. “Nem mesmo Platão escapou da tentação de compor um conto alegórico baseado em símbolos elementares: a luz, o sol, a sombra na caverna. A alegoria surge quando a expressão reflexiva previamente conceituada

³ “No entanto, os mitos platônicos não se limitam a examinar as origens; projetam-se para um futuro que se esforçam por antecipar; os principais mitos são escatológicos.” (BERNARD, 1984, p. 25, tradução nossa). “Tuttavia i miti platonici non si limitano a scrutare le origini; essi si proiettano verso un avvenire che si sforzano de anticipare; i maggiori miti sono escatologici”.

⁴ “Ma questa pretesa presuppone risolto il problema dell’espressione di Dio, la cui trascendenza non può essere racchiusa in un linguaggio” (BERNARD, 1984, p. 29).

busca uma matéria simbólica na qual se encarnar” (BERNARD, 1984, p.29, tradução nossa).⁵

Preservando a característica fundamental dos símbolos, as palavras e os sinais convencionais também referem-se a outra realidade fora de si mesmos, “mas o uso mais significativo da linguagem simbólica ocorre quando uma realidade, que já tem um significado próprio, conduz o espírito para outra realidade correspondente, mas oculta” (BERNARD, 1984, p. 18, tradução nossa).⁶ Porém, o movimento simbólico não se confunde com a ação do Espírito Santo nem com a realidade sacramental. Antes, permanece a ideia de que a pessoa animada por Deus parte em busca de sua própria expressão, movendo-se no universo simbólico onde, com a ajuda dos símbolos, alimenta sua fé.

Visto que os símbolos se impõem à vida e ao pensamento humanos, e com maior urgência à vida religiosa, cabe aos teólogos e àqueles que se dedicam às ciências humanas, justificar e situar a atividade simbólica, sempre tão presente na arte, no entretenimento, na vida humana e na experiência religiosa. Cabe a eles aceitar o desafio do símbolo (BERNARD, 2010, p. 252, tradução nossa).⁷

Considerando que a linguagem simbólica é indissociável da expressão da realidade espiritual, estando presente, por exemplo, no Evangelho quando Jesus se apresenta como o pão da vida e luz do mundo; no Cântico dos Cânticos com uma riqueza de símbolos como os da esposa, das núpcias e do jardim; e em outros livros como o Apocalipse que utilizam uma profusão de símbolos, além dos sacramentos cristãos e da liturgia que se introduzem no mundo simbólico, Bernard elabora sua teologia simbólica procurando estabelecer o significado da atividade simbólica e conhecer melhor sua importância para a leitura de muitos textos da Bíblia e dos místicos.

3.2 Vida no Espírito e afetividade

Para Charles André Bernard, o objeto material da teologia espiritual é a vida cristã na medida em que se torna um projeto pessoal. Conforme explica, embora se possa recorrer ao Tratado da Graça, de Santo de Tomás de Aquino, com a noção de participação na vida divina, ele prefere partir da

⁵ “Neppure Platone è sfuggito alla tentazione di comporre un racconto allegorico basato sui simboli elementari: la luce, il sole, l'ombra nella caverna. L'allegoria nasce quando l'espressione riflessiva, precedentemente concettualizzata, cerca una materia simbolica in cui incarnarsi” (BERNARD, 1984, p.29).

⁶ “Ma l'impiego più significativo del linguaggio simbolico si ha quando una realtà, che già possiede il proprio significato, conduce lo spirito verso un'altra realtà corrispondente ma nascosta” (BERNARD, 1984, p. 18).

⁷ “Poiché i simboli s'impongono alla vita e al pensiero umano, e in modo più urgente alla vita religiosa, spetta ai teologi e a quanti si dedicano alle scienze umane giustificare e situare l'attività simbolica, sempre così presente nell'arte, nello spettacolo, nella vita umana e nell'esperienza religiosa. Sta a loro raccogliere la sfida del simbolo” (BERNARD, 2010, p. 252).

experiência vivida no que se refere ao conteúdo da tradição histórica, apresentando assim a noção de vida espiritual que emerge da Sagrada Escritura, prosseguindo o estudo através da tradição da igreja.

Em seu caminho de estudos para compreensão do fenômeno da vida no Espírito, Bernard soube distinguir o fenômeno humano do fenômeno cristão, o primeiro se grafaria em minúsculo e o segundo em maiúscula, diferenciando assim espírito de Espírito. Nesse sentido, logo constatou que o aspecto mais original no campo da espiritualidade consiste no fato de que para descrever suas experiências, os autores precisam de uma linguagem simbólica.

Além do problema do papel da sensibilidade na vida espiritual, Bernard considera que a condição encarnada do homem coloca outra de maior importância prática: a da vida afetiva.

No âmbito da espiritualidade, Bernard considera a existência de uma afetividade sobrenatural, que se amplia consideravelmente na esfera divina⁸, em relação com a afetividade natural, vivida basicamente no plano corporal, e por isso sujeita à ação transformadora da graça divina. Além dessa afetividade humana, temos a afetividade espiritual que, pelo dado da fé, resulta da comunicação de Deus quanto à sua própria vida e aliança. Santo Agostinho e São Tomás nos falam de *delectatio*, um admirável prazer e amor que nos atrai à verdade de Deus.

3.3 Consciência espiritual e mística

A consciência espiritual é caracterizada pela atitude do homem como sujeito religioso quando exercita sua espiritualidade. Nesse sentido, o sujeito reconhece um absoluto ao qual é chamado, ou seja, ele reconhece em sua vida um valor supremo, a sua relação pessoal com Deus conforme revelada em Jesus Cristo. “Consequentemente, por ‘consciência espiritual’ (do ‘sujeito espiritual’) entendemos a relação dinâmica com o Pai que salva em Jesus e o projeto voluntário para realizar plenamente esta relação na própria vida” (ZAS FRIZ, 2008, p. 242, tradução nossa).⁹

A consciência mística, por sua vez, diz respeito a uma entrada impetuosa de algo misterioso e sagrado na consciência, sendo essas algumas das características da experiência mística. Trata-se da percepção intuitiva de uma realidade absoluta e oculta e diz respeito à possibilidade de a consciência perceber o transcendente. Conforme explica Zas Friz

⁸ “Como se pode ver, a noção de instância afetiva se amplia consideravelmente, assim que se ascende à esfera divina.” (BERNARD, 1985, p. 81, tradução nossa). “Come si vede, la nozione di istanza affettiva si allarga notevolmente appena ci si eleva alla sfera divina”.

⁹ “Di conseguenza, per “coscienza spirituale” (del “soggetto spirituale”) si intende il rapporto dinamico con il Padre che salva in Gesù e il progetto volontario di realizzare pienamente questo rapporto nella propria vita” (ZAS FRIZ, 2008, p. 242).

(FRIZ, 2008, p. 244)¹⁰, acerca das conclusões de Charles André Bernard sobre a consciência mística, esse tipo de experiência foge ao domínio do conceito e então necessita da linguagem simbólica para sua interpretação.

Enquanto a consciência espiritual dispõe sobre um projeto espiritual particular, a consciência mística diz respeito ao movimento do espírito humano em relação ao transcendente e a uma presença totalizante.

4. Uma interseção no estudo da mística

A interseção entre os estudos sobre a mística de Michel de Certeau e Charles André Bernard acontece no momento em que ambos utilizam os símbolos e a linguagem simbólica para expressão intelectual dos respectivos ensinamentos e conclusões.

Embora os dois autores sejam exigentes em suas leituras, em virtude de suas iguais profundidade e especialização, podemos fazer algumas aproximações a eles individualmente, principalmente por conta das diferenças em seus respectivos caminhos intelectuais e objetos de estudos, lembrando que em Certeau, no presente trabalho, estamos tomando especificamente sua obra *A Fábula Mística*, enquanto que em Charles André Bernard, recorreremos a uma visão geral do seu pensamento e obra. São essas duas formulações que estão sendo cotejadas.

A *Fábula Mística* de Michel de Certeau descreve um cenário, mostra um Jardim das Delícias e o amplia na medida em que considera várias outras paisagens e personagens, bem como não lugares ou lugares para se perder, ausentes historicamente mas presentes pelo desejo na estranha região do entre-dois, daquele que já não está nem no céu nem terra, conforme designam os místicos. “Eles criam aí e guardam um lugar para algo como a saudade brasileira, um mal do país, se é verdade que esse outro país continua também o nosso, mas do qual estamos afastados” (CERTEAU, 2015, p. 2).

A teologia de Charles André Bernard, por sua vez, abrange, incorpora e justifica a afetividade e o simbolismo na religiosidade e na espiritualidade como partes tanto da consciência espiritual quanto da vida no espírito, as quais, entretanto, não se opõem ao mundo material, mas o integram, ou seja, o homem é chamado à vida divina, ele todo, inteiro, à imagem de Deus, deve transformar-se.

Como a consciência significa essencialmente um relacionamento com algo externo, o outro como ambiente cósmico, o outro como pessoa, o outro como Deus, o movimento essencial da vida da

¹⁰ “Normalmente, essa si esprime in un linguaggio simbolico, dato che questo tipo d'esperienza si sottrae al dominio del cocetto. È perciò necessaria una esegesi cimbolica per la sua interpretazione” (ZAS FRIZ, 2008, p. 244).

consciência é assegurar, juntamente com seu desenvolvimento reflexivo, seu relacionamento com toda a realidade, a fim de alcançar sua própria integração (BERNARD, 2010, p. 88, tradução nossa).¹¹

A interseção dos dois estudos, portanto, mais do que o conjunto das elaborações místicas comuns aos dois autores, no sentido de que ambos apresentam fundamentações teológicas consolidadas, academicamente provadas e aceitas, representa o encontro de duas visões distintas, uma o próprio cenário materializado na forma da Fábula Mística, a outra uma teologia iluminada e iluminadora. Quando são apresentados simultaneamente, o cenário e a luz, o que temos é a magnificência da mística sempre a perscrutar o dom de Deus.

Considerações finais

A linguagem mística e a expressão simbólica são circulares, isto é, não apresentam ou não requerem uma linearidade temporal ou fenomênica, nem cabem necessariamente na forma espacial delimitada de mundo como experimentamos ordinariamente na vida comum. Não obstante, Michel de Certeau se lança corajosamente, tal como lhe permite sua condição de historiador e sua grande e particular erudição, ao desafio de elaborar uma quadratura mística, não sem antes advertir, já no início, que se apresenta em nome de uma incompetência porque ele está afastado daquilo de que trata, sente-se separado mas desafiado pelo desejo de retornar àqueles espaços dos místicos e descrever os lugares da mística, uma virtual impossibilidade, tendo em vista que os lugares que irá identificar são lugares para se perder daquilo que procura. Disso dão testemunho os tantos personagens que povoam seu livro.

Mas essa aventura de reduzir o que é circular por natureza a um equivalente em quadratura, Certeau não mantém com rigidez ou impermeabilidade. Deixa espaços amplos por onde se pode escapar e viajar, pois as figuras do viajante e do itinerante no quadro da *Fábula mística* precisam desses caminhos abertos ao espírito que em todas as épocas se seduz e parte em busca de Deus.

Uma sustentação teológica ao simbolismo da fábula mística, embora não tenha necessidade dela fora de seu quadro, nós a encontramos plenamente na obra teológica de Charles André Bernard, cujo projeto espiritual contempla pormenorizadamente os caminhos da espiritualidade cristã, desde o que ensina em suas obras sobre as teologias espiritual,

¹¹ "Poiché la coscienza significa essenzialmente relazione con qualcosa di esterno, l'altro come ambiente cosmico, l'altro come persona, l'altro come Dio, il movimento essenziale della vita della coscienza è quello di assicurare, insieme al suo sviluppo riflessivo, la sua relazione con l'insieme del reale per realizzare la propria integrazione" (BERNARD, 2010, p. 88).

simbólica e afetiva, até o ápice na publicação póstuma de sua teologia mística.

Michel de Certeau e Charles André Bernard foram contemporâneos, franceses, jesuítas e professores. Coincidentemente, ambos assumiram projetos intelectuais que contemplaram a mística. O primeiro, entre outras disciplinas, dedicou-se também à história e ao lugar da mística, viajando, pesquisando e ensinando em universidades pelo mundo afora, o segundo instalou-se em Roma, na Universidade Gregoriana, onde ensinou e produziu uma teologia inteiramente voltada para a mística.

Referências

BERNARD, *Teologia simbólica*. Roma: Paolini, 2ª. ed. 1984. Disponível em <<http://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/05/Teologia-simbolica-compresso.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2020.

_____. *Teologia afetiva*. Roma: Paolini, 1985. Disponível em <<http://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/05/Teologia-affettiva-compresso.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2020.

_____. *Teologia Spirituale*. Milano: San Paolo, 2002.

_____. "Tutte le cose in lui sono vita" – Scritti sul linguaggio simbólico. Milano: San Paolo, 2010.

CERTEAU, M. *Le lieu de l'autre*. Histoire religieuse et mystique. Paris: Gallimard, Seuil, 2005.

_____. *A Fábula Mística – Séculos XVI e XVII, P. Volume I*. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

MUZJ, M. G. *Vita nello spirito e simbolo: una relazione nel pensiero di Charles André Bernard*. In: Simbolo cristiano e linguaggio umano. Per una piena reintegrazione della teologia simbolica nella teologia, Atti II Convegno Internazionale "Charles André Bernard". Milano: Vita e Pensiero, p. 145-167, 2013. Disponível em <<http://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/07/Muzj-03.07.19.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2020.

ZAS FRIZ, R. *Coscienza spiritual e coscienza mística: a proposito di due articoli di Charles André Bernard e della filosofia della mente*. Milano: San Paolo, 2008. <<http://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/07/19-Zas-Friz.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2020.